

***Doxa e Pathos na construção retórica do discurso religioso:
contrastes entre a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Libertação***

***Doxa and Pathos in the rhetorical construction of religious discourse:
contrasts between theology of prosperity and liberation theology***

Francieli Gonzalez SANTOS¹
Raquel Ribeiro MOREIRA²

Resumo

Este artigo visa analisar o discurso produzido por um líder religioso neopentecostal acerca da Teologia da Libertação; os recortes discursivos analisados foram veiculados na mídia pelo jornal Gazeta do Povo; buscou-se identificar, a partir da Retórica, os elementos discursivos que as diferenciam, em especial, no que concerne à instauração de uma cena enunciativa característica. Para isso, o trabalho tem como base teórica a Retórica, sobretudo a partir dos conceitos de *doxa* e *pathos*, e a proposta da Argumentação no Discurso, desenvolvida por Ruth Amossy. Aliado a isso buscamos estabelecer um diálogo com a Análise do Discurso³, ancorada especificamente em estudos de Dominique Maingueneau e Michel Pêcheux.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Retórica. Teologia da Libertação. Teologia da Prosperidade.

Abstract

This article aims to analyze the discourse produced by a neo-Pentecostal religious leader regarding Liberation Theology; the analyzed discourse excerpts were disseminated in the media by the newspaper Gazeta do Povo; the objective was to identify, through Rhetoric, the discursive elements that differentiate them, especially concerning the establishment of a characteristic enunciative scene. For this purpose, the theoretical framework of Rhetoric is employed, particularly focusing on the concepts of *doxa* and *pathos*, and the proposal of Argumentation in Discourse, developed by Ruth Amossy. In addition to this, we seek to establish a dialogue with Discourse Analysis, specifically anchored in the studies of Dominique Maingueneau and Michel Pêcheux.

Keywords: Discourse Analysis. Rhetoric. Liberation Theology. Prosperity Theology.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). E-mail: francieli.gonzalez97@gmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). E-mail: raquelrmoreira@utfpr.edu.br

³ As teorias – Retórica e Análise do Discurso – têm algumas divergências, mas para os propósitos desse artigo elas não serão exploradas, uma vez que os conceitos principais abordados, de ambas as teorias, neste *corpus*, se complementam para as suas análises.

Introdução

A teoria da Análise do Discurso oferece um quadro conceitual para compreender as dinâmicas discursivas presentes nas igrejas neopentecostais no Brasil. Maingueneau propõe que os discursos são construídos em contextos específicos e são atravessados por relações de poder, sendo, portanto, ferramentas para a produção e manutenção de identidades e relações sociais.

Sendo o discurso religioso analisado neste artigo, é importante tratar, mesmo que brevemente, a noção de discurso constituinte. Maingueneau (2008), ao propor uma discussão acerca deles, disserta que é caracterizado como tal por se colocar como zona de fala que não admite outra autoridade além de sua própria, desse modo, não há o reconhecimento de outros discursos acima deles, bem como alegando não sofrer influências de outros discursos, sobretudo, por estar representado imaginariamente em relação direta com uma fonte legitimadora (no caso, Deus). No entanto, apesar de se colocarem dessa forma, os discursos constituintes entram em relação, sim, com discursos não constituintes e constituintes, “[...] mas faz parte da natureza dos discursos constituintes negar essa interação ou pretender submetê-la a seus princípios” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

No contexto das igrejas neopentecostais brasileiras, essa teoria pode ser aplicada para analisar como essas instituições utilizam discursos para consolidar sua autoridade religiosa, mobilizar seguidores e construir uma identidade coletiva. Os líderes religiosos neopentecostais frequentemente empregam estratégias discursivas persuasivas e emotivas para atrair fiéis e reforçar a adesão aos seus ensinamentos e práticas.

Nesse aspecto, tratamos da teoria da Retórica. Na retórica clássica, Aristóteles (2017) em sua obra "A Retórica", reconhece três modos de persuadir uma plateia: *logos* – por meio do raciocínio –, *pathos* – apelo às paixões – e *ethos* – mediante a credibilidade do orador constituída pela sua imagem social e pela representação construída ao longo de seu discurso. Trataremos mais especificamente do conceito de *pathos* que, conforme trabalhado por Ruth Amossy (2011), trata-se da dimensão emocional presente nos discursos persuasivos, desse modo, ao tratar do discurso religioso tal peça conceitual desempenha um papel significativo, pois os líderes religiosos frequentemente fazem apelos emocionais para engajar e convencer sua audiência.

Outro conceito que será mobilizado neste trabalho é a *doxa*, que conforme Aristóteles, é a opinião comum ou convicção compartilhada por um grupo social, contrastando com a *episteme*, que se refere ao conhecimento fundamentado. A *doxa* está mais relacionada às crenças prevalentes na sociedade, influenciadas por tradições, valores culturais e discursos dominantes. Ruth Amossy expande o conceito para compreender as crenças e valores subjacentes aos discursos. Ela destaca como a *doxa* opera como um sistema de pressupostos compartilhados que moldam a compreensão e interpretação do mundo, sendo dinâmica e sujeita a mudanças através do uso estratégico da linguagem e retórica.

Essa análise é relevante ao passo que permite examinar como as igrejas neopentecostais constroem narrativas de poder e salvação, muitas vezes associadas a conceitos como prosperidade, cura divina e libertação espiritual. Tais discursos influenciam não apenas a esfera religiosa, mas também têm impactos sociais e políticos, moldando visões de mundo e comportamentos individuais e coletivos. Maingueneau oferece uma lente analítica valiosa para compreender as complexas interações entre linguagem, poder e religião nas igrejas neopentecostais brasileiras.

Aliado a isso, Ruth Amossy (2011) enfatiza a importância de compreender a argumentação não apenas como um conjunto de estratégias lógicas, mas também como um fenômeno profundamente enraizado em contextos sociais e culturais. Nesse sentido, ela destaca que os argumentos não são meramente instrumentos racionais para persuadir, mas também veículos para a negociação de identidades, valores e relações de poder. Uma das contribuições mais significativas de Amossy é sua análise das estratégias argumentativas utilizadas na construção da *ethos*, *pathos* e *logos*, ou seja, da credibilidade do orador, do apelo emocional e da coerência lógica dos argumentos. Ela demonstra como essas dimensões estão interligadas e são mobilizadas de maneiras variadas para influenciar as percepções e atitudes do público-alvo.

Teologia da Prosperidade e Teologia da Libertação

Como postula Maingueneau (2008), torna-se necessário, para os propósitos de uma pesquisa, relacionar determinados discursos em um espaço discursivo passível de ser investigado. Então, é necessário estabelecer subconjuntos discursivos segmentados, de modo que o analista, diante de seu propósito, julga relevante estabelecer relação.

Metodologicamente, a análise aqui proposta pretende observar as relações de sentido e a constituição discursiva que se materializam por meio dos elementos linguísticos, enunciativos e argumentativos colocados em cena nos discursos dos líderes religiosos representantes do movimento neopentecostal.

O *corpus* selecionado para este trabalho é composto a partir de recortes discursivos presentes na notícia “Teologia da Libertação, o cavalo de Troia na Igreja Católica” publicada pelo Jornal Gazeta do Povo. A partir da postagem, foram retiradas menções à Teologia da Libertação realizadas por um pastor neopentecostal. A opção por analisar esse texto em específico surge justamente do fato do embate ideológico estabelecido entre a Teologia da Prosperidade (TP) e a Teologia da Libertação (TL), uma análise retórica sobre a temática revela as diferentes concepções de religião, sociedade e justiça social subjacentes às narrativas da TP e da TL. Isso contribuiu não apenas com a compreensão das bases teológicas e ideológicas desses movimentos, mas também a situações dentro do contexto socioeconômico e político mais amplo do Brasil.

A TP é um dos principais pilares de sustentação do movimento neopentecostal, teve origem nos Estados Unidos durante o século XX e tem como referência o puritanismo (uma vertente do Calvinismo), o qual pregava que o trabalho era uma vocação divina e o sucesso decorrente dele, um sinal da predestinação. Isso levou muitos teóricos a considerarem o Calvinismo a religião do capitalismo, pois, ao contrário da Igreja Católica, não condenava o comércio, o empréstimo a juros e considerava as riquezas oriundas do trabalho como graça divina. Assim como afirma o historiador Gerson Leite de Moraes, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em entrevista ao portal UOL notícias⁴, “Quando calvinismo e capitalismo se encontram é o casamento perfeito, ambos valorizam o trabalho e reinvestem o fruto do trabalho em mais trabalho. O que, em última instância, gera acúmulo de capital”. Sendo assim, com a consolidação do modo de produção capitalista orientado para o lucro, o motor das relações produtivas e sociais é o dinheiro.

Sob essa perspectiva, a partir da caracterização do discurso religioso como aquele que trata da vontade de Deus, há um desnivelamento na relação entre enunciador e o ouvinte: o enunciador, teoricamente, é do plano celestial (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano terreno (os sujeitos, os homens). Isto é, enunciador e ouvinte pertencem a duas

⁴A entrevista na íntegra pode ser acessada pelo link: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/11/30/quem-foi-joao-calvino-protestantismo-capitalismo-europa.htm>

ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico em sua relação: o plano celestial domina o terreno. Mas há um entreposto para que essa comunicação seja efetivamente estabelecida: esse entreposto é a instituição religiosa, que detém o caminho para que o fiel compreenda as demandas do divino; desse modo, o controle ideológico do discurso se estabelece, pois, se quem fala é Deus - de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso, os ouvintes devem obedecê-lo e, para compreender suas demandas, a igreja é fundamental.

Essa conjuntura favoreceu a disseminação do discurso neopentecostal no Brasil e em 1977 é fundada a IURD, que foi a primeira no país direcionada aos ideais neopentecostais. Ela foi inaugurada no Rio de Janeiro, por Edir Macedo de Bezerra, seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes. A corrente teológica adotada pela IURD acredita em uma visão afirmativa acerca de Deus, da vida e do “direito do fiel a tomar posse da sua “herança” na terra, ou seja, dos bens, da prosperidade e da felicidade aos quais ele tem direito por ser filho de Deus e membro da Igreja do Senhor” (FIGUEIREDO, 2007, p. 28). A partir dessa visão, constrói-se uma relação de parceria entre a divindade e o sujeito, dessa forma há um deslocamento, pois Deus deixa de ocupar o centro da vida do fiel. Esse papel é ocupado pelo próprio fiel, que passa a ser então protagonista da sua vida e busca desfrutar de bens materiais na vida terrena. Sendo assim a IURD:

Ignora o ecumenismo; faz oposição ferrenha aos cultos e tradições afrodescendentes, indígenas e católicas; usa intensamente a mídia; organiza-se na linha empresarial (metas, clientela, ofertas, lucro, dinheiro); faz militância político-partidária; utiliza técnicas de marketing; tem forte crença no poder da palavra e também da mente humana; possui uma postura ritualística agressiva, incutindo uma ‘guerra santa ou espiritual’; flexibiliza os comportamentos, usos e costumes; enfatiza a Teologia da Prosperidade; e, possui forte liderança centralizada (FERRARI, p. 86 e 87, 2007).

Nesse sentido, o uso intenso da mídia e a organização na linha empresarial evidenciam uma abordagem contemporânea e pragmática na propagação da mensagem religiosa, adaptando-se aos meios de comunicação e adotando estratégias de gestão empresarial para expandir sua influência e alcançar seus objetivos. A militância político-partidária indica uma intersecção entre o campo religioso e o campo político, na qual interesses e agendas religiosas se misturam com aspirações políticas, potencialmente

influenciando o cenário político-social. A ênfase na TP reflete uma visão teológica que valoriza o sucesso material como uma expressão da bênção divina, incentivando os fiéis a buscarem prosperidade material como um reflexo de sua fé. A centralização da liderança sugere uma estrutura hierárquica forte e uma figura de autoridade carismática, capaz de guiar e mobilizar os fiéis em direção aos objetivos do movimento. Em suma, destacamos a complexidade e a diversidade de estratégias adotadas pelo movimento neopentecostal, revelando uma abordagem dinâmica e adaptativa na busca pela expansão e consolidação de sua influência religiosa e social.

A partir disso, também é necessário compreender os pressupostos da TL para que possamos compará-las e ver suas continuidades e rupturas. Conforme Michael Löwy (2000), há oito pontos principais na TL: a libertação humana como antecipação da salvação final em Cristo, uma nova leitura da Bíblia, uma forte crítica moral e social do capitalismo dependente, o desenvolvimento de comunidades de base cristãs entre os pobres como uma nova forma de Igreja e, especialmente, uma opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta de autolibertação.

A TL eclodiu no Brasil junto aos problemas socioeconômicos – como a fome e a mortalidade infantil - acarretados pelo crescimento das cidades e o êxodo rural, típicos da metade do século XX. Nesse período, houve o envolvimento de alguns grupos religiosos católicos – associados a TL – com o cotidiano de seus fiéis e o contato com o sofrimento e as dificuldades de uma parcela significativa da população brasileira.

Sendo assim, na década de 1950, a Igreja Católica deu início a uma renovação, pois adotou métodos pedagógicos e de análise filosófica da realidade referenciados no pensamento do padre Pierre Faure, embasado pelas teorias de Montessori e Lubienska – com o objetivo de manter a relevância de seus colégios em meio a popularização de práticas escolanovistas. Nesse sentido, “a Igreja necessitava renovar-se pedagogicamente sob o risco de perder a clientela. O caminho que a Igreja Católica encontrou para responder a essa exigência foi assimilar a renovação metodológica sem abrir mão da doutrina” (SAVIANI, 2008, p. 301-302).

Então, dois acontecimentos importantes deram bases para o desenvolvimento da TL no Brasil: o Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964. Após esses eventos, os grupos católicos, que já se filiavam a essa teologia, passaram a se posicionar mais firmemente contra os problemas econômicos e sociais que estavam atingindo o país e, por isso, quando os militares tomaram o poder e implantaram um regime autoritário, passaram

a ser perseguidos. Desse modo, os religiosos envolvidos com a questão social e a realidade brasileira que denunciavam e agiam em relação aos problemas no país como a fome, o desemprego, a questão agrária e a repressão dos militares, começaram a ser vistos como inimigos do regime.

Sob esse prisma, é necessário evocar o um conceito central na retórica, *doxa*, que se refere às crenças ou opiniões compartilhadas dentro de uma comunidade ou sociedade, as quais são consideradas como verdades autoevidentes ou indiscutíveis dentro desse contexto específico. “A *doxa* corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (PLANTIN, 2014, p. 176, grifo do autor). Na Teologia da Prosperidade (TP), a *doxa* está presente na crença de que a prosperidade material é uma manifestação da vontade divina e uma recompensa para aqueles que seguem os preceitos religiosos adequadamente. Dentro dessa comunidade religiosa, a ideia de que a riqueza é um sinal de bênção divina pode ser considerada como uma *doxa*, algo aceito sem questionamentos.

Por outro lado, na Teologia da Libertação (TL), a *doxa* está relacionada à crença na justiça social, na luta pelos direitos dos mais desfavorecidos e na interpretação das Escrituras como uma chamada para a transformação social e a solidariedade com os pobres e oprimidos. Dentro deste contexto teológico, a ideia de que a justiça social é uma parte essencial da mensagem cristã pode ser considerada como uma *doxa*, amplamente aceita e promovida dentro das comunidades que adotam essa perspectiva teológica. Desse modo, tanto na TL quanto na TP, a *doxa* desempenha um papel importante na formação e manutenção das crenças e valores compartilhados dentro de cada movimento teológico. É através da aceitação dessas *doxas* que os adeptos dessas teologias interpretam e dão sentido às suas experiências religiosas e sociais, moldando suas identidades e práticas.

Temos, portanto, posicionamentos pertencentes ao campo discursivo religioso, este que é considerado por Maingueneau (2008) como “constituente” (pelo imaginário de uma relação direta com a figura sagrada, Deus), e de visada argumentativa, na concepção de Ruth Amossy (2020). Imbricando essas duas perspectivas teóricas, corroboramos com a posição de que não há como se separar a argumentação do discurso: “Na medida em que a Análise de Discurso (AD) espera descrever o funcionamento do discurso em situação, ela não pode negligenciar a sua dimensão argumentativa” (AMOSSY, p. 129, 2011).

Análise

A fim de analisar a relação entre a TP e da TL é necessário destacar o discurso veiculado por pastores neopentecostais sobre essa doutrina. Abaixo, o recorte discursivo foi retirado do portal Gazeta do Povo⁵, da notícia intitulada: “Teologia da Libertação, o cavalo de Troia na Igreja Católica”⁶, e escrita pelo pastor neopentecostal Franklin Ferreira:

REC 1: A salvação não seria algo relacionado o mundo do além, mas sim à transformação da realidade humana. Essencial aqui é a união entre política e fé, para criar uma nova consciência e, assim, uma nova ordem social. A nova ordem visa se apropriar dos meios de produção e do processo político, por meio de uma revolução social, criando assim o Estado socialista.

A partir do conceito de *pathos*, é possível destacar o apelo emocional presente nesse enunciado. O discurso de Franklin constrói uma representação da TL como uma ameaça à ordem estabelecida, apresentando-a como uma ideologia que busca transformar radicalmente a realidade humana por meio da união entre política e fé. Ele retrata essa abordagem como promotora de uma nova consciência e de uma nova ordem social, mas sugere que o verdadeiro objetivo por trás disso é a instauração de um Estado socialista. Ao enfatizar a ideia de que a TL visa se apropriar dos meios de produção e do processo político para criar um Estado socialista, o discurso de Franklin ressignifica o objetivo original dessa teologia, que é principalmente focado na luta contra a injustiça social e na defesa dos direitos dos oprimidos. Essa ressignificação serve aos interesses ideológicos do pastor em desacreditar a TL e promover uma visão neoliberal da religião.

A representação da TL como um “cavalo de Troia” na Igreja Católica, a qual integra o título da reportagem que foi retirado esse recorte discursivo, sugerindo que ela é uma ameaça disfarçada, reflete a polarização ideológica e os conflitos de interesses dentro do contexto religioso e político em que o pastor está inserido. Essa polarização é exacerbada pelo discurso de Franklin, que busca deslegitimar e demonizar a TL. Essa

⁵https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/teologia-da-libertacao-cavalo-de-troia-igreja-catolica/?utm_source=facebook&utm_medium=midia-social&utm_campaign=gazeta-do-povo&fbclid=IwAR2WlG-twGPh_6Cz9zC1T4GRMARi6IJCIATGx55PvcWwSOgLepV1Ut8p__o

⁶Ver mais em: Como a Gazeta do Povo, do Paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do Brasil de Bolsonaro. <https://www.intercept.com.br/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>

representação da Teologia da Libertação como uma ameaça socialista serve à sua agenda de desacreditar e marginalizar essa abordagem teológica em favor de uma visão neoliberal da religião.

Essa suposição segue em seu discurso, sobretudo, no que diz respeito à luta política:

REC 2: a Teologia da Libertação desempenhou um papel essencial na formação do “sandinismo” e da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), que hoje persegue clérigos e fiéis católicos e fecha meios de comunicação na Nicarágua.

Seguindo a análise a partir do *pathos*, é possível inferir que o pastor apela para o medo ao associar a TL ao “sandinismo”⁷ e à FSLN, sugerindo que esta teologia desempenhou um papel essencial na formação desses movimentos políticos. Em seguida, ele afirma que esses grupos estão perseguindo clérigos e fiéis católicos e fechando meios de comunicação na Nicarágua. Essa associação implícita entre a TL e a perseguição religiosa pode gerar medo nos leitores, especialmente naqueles que são membros da comunidade religiosa alvo do discurso. Embora o texto seja crítico à TL, evoca uma sensação de esperança entre os leitores que compartilham das mesmas opiniões do pastor neopentecostal, para esses leitores, a crítica à TL pode representar uma esperança de combater o que eles percebem como uma ideologia perigosa ou desviante dentro da religião.

Além disso, o discurso se vale de um sentimento de culpa entre os leitores que são simpatizantes ou defensores da TL, pois ao associar essa teologia a eventos negativos, como a perseguição religiosa na Nicarágua, o pastor neopentecostal provoca um questionamento nesses leitores fazendo-os questionar se estão apoiando uma ideologia que contribui para o sofrimento de outras pessoas. Ademais, mesmo que não seja diretamente evidente no texto, o êxtase também pode ser evocado indiretamente através da retórica inflamada do pastor neopentecostal, o uso de linguagem forte e emotiva pode potencialmente gerar um estado de êxtase entre os leitores mais fervorosos, que podem se sentir energizados ou exaltados pela mensagem do discurso. Nesse sentido:

⁷ A Frente Sandinista de Libertação Nacional é um partido político socialista fundado em 1961. O partido foi nomeado como uma homenagem a Augusto César Sandino, que liderou a resistência contra a ocupação estadunidense da Nicarágua na década de 1930.

Se todo discurso argumentativo está enquadrado em determinada situação discursiva – e que esta envolve elementos interiores e exteriores à comunicação em si mesma, presentes ao momento enunciativo, mas também a ele anteriores –, logo faz efetivamente parte do domínio da *doxa* (SEIXAS, p.3, 2023).

Sendo assim, o enunciado apela para uma *doxa* que está enraizada em uma visão negativa da TL, retratando-a como uma força que contribuiu para eventos controversos na Nicarágua, como o "sandinismo" e a perseguição a clérigos e fiéis católicos. Essa visão reflete uma opinião comum ou convicção compartilhada por um certo segmento da sociedade, influenciada por interpretações específicas da história e da política da região.

Ao mesmo tempo, o enunciado pode ser visto como uma tentativa de moldar a *doxa* do leitor ao apresentar uma narrativa que associa a TL a eventos negativos, como a perseguição religiosa. Essa estratégia retórica busca influenciar a compreensão e interpretação do público sobre o assunto, reforçando ou desafiando certas crenças e valores subjacentes. O *pathos* presente no enunciado está ligado ao uso de palavras carregadas de conotação negativa, como “persegue”, “fecha”, e à sugestão de que a TL é responsável por eventos prejudiciais na Nicarágua. Isso pode evocar emoções de medo, indignação ou repúdio, buscando mobilizar uma resposta emocional do público em relação ao tema. O enunciado exemplifica como a retórica pode ser utilizada para influenciar a percepção e opinião pública, manipulando a *doxa* do público-alvo e apelando ao *pathos* para reforçar uma determinada interpretação dos eventos.

Sob essa ótica, conforme Maingueneau (2008), a relação que um discurso estabelece com seu Outro não precisa ser localizável em forma de intertexto; essa relação existe ainda mais pela ausência de marcação (interdito) do que pela presença. Compreende-se, então, que os enunciados apresentam um direito e um avesso inseparáveis. E caberia ao analista o duplo papel de analisar a formação discursiva a qual o discurso remete (direito) e qual o Outro que ele rejeita (avesso), ou seja, quais são as outras formações discursivas às quais aquele discurso faz referência para negá-las.

Na obra *Gênese dos Discursos*, Maingueneau não elabora diretamente o conceito de *ethos*, mas é possível identificar uma introdução a essa noção a partir do “modo de enunciação”. Esse conceito refere-se a uma maneira de dizer que se configura como legítima em uma formação discursiva. Maingueneau, ao propor a análise do *ethos* dentro do escopo teórico da Análise de Discurso, apresenta a ideia de vocalidade (ou tom) que abrange os textos orais e escritos. Essa vocalidade “permite relacioná-lo a uma fonte

enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse” (MAINGUENEAU, 2016, p. 72).

Tal abordagem inclui o uso de registros de linguagem, a adoção de posturas argumentativas, a evocação de valores culturais e a mobilização de certos recursos retóricos. A exemplo disso, o recorte discursivo apresentado contribui para a validação do *ethos* de líder religioso, aquele que detém o conhecimento – *revelação* –. Nota-se que o enunciador fala a partir da posição de um sacerdote, uma figura da autoridade quanto ao conhecimento que possui, características que lhe conferem intelectualidade, a inteligência de deter o conhecimento teológico.

O ouvinte – leitor – é colocado, assim, na posição de insciente, que não tem, pelo menos a princípio, conhecimento ou condições de (sozinho) refletir, raciocinar, pensar sobre o objeto textual que está acessando. Aliado a isso o *ethos* adotado pelo pastor auxilia na configuração da vertente neopentecostal como uma igreja mais ligada à tradição bíblica (cristã), a uma possível origem, fazendo relações intertextuais com os textos sagrados antigos (em que as compreensões seriam supostamente mais próximas de um discurso “verdadeiro” do que Deus queria enunciar);

Assim, o tom está relacionado ao corpo do enunciador (não ao corpo físico, visto que tratamos de uma enunciação escrita e não oral - apresentada), que toma o papel de enunciador no discurso, configurando-se a partir de indícios materializados no texto, que “por meio de seu ‘tom’, atesta o que é dito” (MAINGUENEAU, 2008, p. 64). Dessa forma, o enunciador se constitui a partir de um caráter e de uma corporalidade. “O ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Já a ‘corporalidade’ é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 72).

O *ethos* retórico se concentra na credibilidade, autoridade e confiança que o orador ou escritor transmite ao público. Ele envolve a construção de uma imagem de si mesmo como uma pessoa digna de confiança, competente e moralmente correta, a fim de ganhar a confiança e o respeito do público-alvo. Assim, no momento da enunciação “é importante examinar como esse escritor sinaliza sua presença no discurso e como a subjetividade é construída na linguagem”. (BINI; SELLA, 2023, p. 75). Por isso, compreendemos que para além do conteúdo dos recortes discursivos, devemos analisar o que não está aparente, sobre isso, cabe explorar os conceitos do *dito* e do *não-dito*, estabelecidos pela Análise do Discurso.

“Entende-se que os sentidos podem ser lidos num texto mesmo não estando ali, sendo de suma importância que se considere tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, que não é dito, mas é significado” (SILVA, 2009, p. 41). Desse modo, o processo de produção de sentidos ocorre entre o dito e o não-dito, de modo que os significados dos discursos são compostos a partir das formações discursivas, as quais atuam por meio da memória discursiva ali constituída.

O não-dito diz evoca às diversas facetas da linguagem, transpassa o dito, “[...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se” (ORLANDI, 2015, p. 82). Por isso, o não-dizível constitui o espaço do múltiplo, a condição do “vir-a-ser” do discurso “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1992, p. 12). Relação que nos convida a considerar não apenas o que é dito no discurso, mas também quem o diz, como é dito e em que contexto é dito, permitindo assim uma compreensão mais rica e sutil dos processos de comunicação e persuasão.

Pensar o imaginário linguístico é, portanto, “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer” (PÊCHEUX, 2014, p. 291). Logo, na palavra se inscreve o não-dito, o que não é explícito, mas que está ali, configurado no que está oculto. No entanto, não há busca de um suposto “verdadeiro” sentido, pelo contrário, procuramos analisar as várias formas e a relação com o simbólico, de modo a entender o texto como objeto linguístico histórico que produz sentido.

Nesse aspecto cabe ressaltar o posicionamento político do veículo em que foi divulgada essa notícia, trata-se do Jornal Gazeta do Povo, que declaradamente já se posicionou favorável ao posicionamento político defendido pelas igrejas neopentecostais, no que concerne ao debate político, por isso vários pastores, como o próprio autor que estamos analisando neste trabalho, têm voz no jornal.

Em sequência à análise, tal asserção também aparece na relação estabelecida entre a visão sobre a figura de Jesus Cristo supostamente veiculada pela TL, a respeito da qual o pastor Franklin Ferreira aponta:

REC 3: A Teologia da Libertação ‘parte do pobre e encontra Cristo’, enquanto a mensagem da Igreja cristã ‘parte do Cristo e encontra o pobre’[...] O social deriva do espiritual.

Nesse sentido, a invalidação da TL em detrimento da TP, transferida à arena ideológica e política entre o socialismo e capitalismo, influencia na construção da memória coletiva, dado que instituições religiosas associadas a TP mantêm o monopólio midiático⁸. Possibilita-se a constituição de um “corpo” da comunidade imaginária dos que poderão aderir ao discurso apresentado.

Dito de outro modo, ao enunciar, o orador incorpora (dá-se um corpo) por intermédio do discurso e promove uma correspondência com outros sujeitos (filiados à mesma formação discursiva), pois “se o *ethos* está ligado à enunciação, não se pode ignorar que o público pode construir representações do *ethos* antes mesmo de entrar em contato com o discurso” (BINI; SELLA, 2023, p. 76). Isso é possível, sobretudo porque, como dito anteriormente, há uma correspondência entre os sujeitos que consumirão o conteúdo enunciado e o próprio enunciador, que, desse modo, valendo-se de uma série de artifícios “que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros” (MAINGUENEAU, 2008, p. 93).

Nesse sentido, por fim, é preciso considerar que o público que terá acesso a essa publicação, em geral, corrobora com as ideias ali veiculadas.

Não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que poderia chamar ‘argumentatividade’ ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir... Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia aos outros componentes na espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso (AMOSSY, 2020, p. 12).

É parte imprescindível na análise argumentativa a consideração sobre o público ouvinte (leitor), pois ele é capaz de alterar a condução da argumentação, uma vez que o orador se orienta pelo seu público. O encaminhamento da argumentação poderá ser outro se o público tem direito de resposta, por exemplo, o que é possível por meio dos comentários e das assinaturas efetivadas no jornal.

Amossy (2020) destaca a importância de considerar o contexto cultural e ideológico em que os argumentos são produzidos e recebidos. Ela argumenta que os discursos são moldados por normas sociais, valores compartilhados e estruturas de poder,

⁸Como redes de televisão, rádio, editoras, citadas no capítulo anterior.

e que a eficácia da argumentação depende em grande medida da capacidade do orador de se alinhar com essas expectativas e preconceitos do público. É preciso que o orador se ancore em um denominador comum para se comunicar com um auditório.

Em suma, o denominador comum parece ser que aquele/aquela que quer ser seguidor/seguidora de Cristo busca a “verdade”, a abordagem que a – verdadeira – “igreja cristã”, como afirmou o pastor, realmente quer ensinar, ou seja, a mensagem que corresponde a um suposto perfil “verdadeiro”, essa noção estaria associada à TP. Então, há um movimento persuasivo do sujeito no momento, posto que ninguém que se predispõe a seguir a Cristo gostará de ser levado a um caminho que o afaste do sagrado, esse caminho que afasta o fiel do sagrado é entendido como o professado pela TL.

Considerações finais

Na análise, foi possível perceber um contraste entre formações discursivas, em especial, a partir de uma oposição constitutiva entre Teologia da Prosperidade e Teologia da Libertação. A primeira se apoia em uma fé ligada a uma suposta origem bíblica, mais próxima a Deus e, assim, sagrada. A segunda é colocada como voltada ao social e, por isso, supostamente se aproxima mais do profano.

Em resumo, buscamos trazer, a partir da Retórica, uma análise abrangente e multidisciplinar sobre o embate ideológico entre a TP e a TL. Nossa abordagem considerou não apenas os aspectos formais dos argumentos e estratégias discursivas, mas também as dinâmicas sociais e culturais que os permeiam, enriquecendo assim a compreensão dos processos discursivos.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Ângela Correa. São Paulo: Contexto, 2020.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e análise do discurso**: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A: Revista eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

BINI, Renan Paulo; SELLA, Aparecida Feola. **Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 199p. 16 x 23 cm.

BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

FERRARI, Odêmio Antônio. **Bispo S/A – A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a teologia da prosperidade na américa latina. **Revista História: Questões & Debates**, Paraná, v. 55, n. 2, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editora, 2020.

NOGUEIRA, P.A.S. Introdução. In: NOGUEIRA, P.A.S. (Org.). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012a. p.9-12.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Pontes: Campinas, 2015.

PLANTIN, Christian. Doxa. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. (1983) Papel da memória. Trad. José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: 1999. p. 49-57.

SEIXAS, Rodrigo. **O terreno pantanoso da doxa: reflexões para um tratamento lógico-discursivo da argumentação**. UESC. 2023.